

**REPÚBLICA – PROJETO DE MORADIA ASSISTIDA
PARA PESSOAS EM PROCESSOS DE
REABILITAÇÃO SOCIAL***

Mônica Grant Rolim, Saulo Jardim Barbosa***,
Rodrigo Blum***, Nelson Luiz Magalhães Carrozzo****,
Maria Paula Cauchick Miguel*****, Cristina Pandjarian*****,
Renata Petri*****, Flávio Verdini*******

ROLIM, M.G., BARBOSA, S.J., BLUM, R., CARROZZO, N.L.M., MIGUEL, M.P.C.,
PANDJIARJIAN, C., PETRI, R., VERDINI, F. República – projeto de moradia assistida para
pessoas em processos de reabilitação social. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.11, n.1, p.23-7,
jan./abr., 2000.

RESUMO: Este artigo pretende transformar a experiência cotidiana de seis anos de “REPÚBLICA”
em contribuição para reflexões em saúde mental. Mais especificamente aquelas ligadas a não –
institucionalização, desinstitucionalização e reabilitação social.

DESCRITORES: Terapia ocupacional, tendências. Reabilitação, tendências. Instituições
residenciais. Serviços de saúde mental.

INTRODUÇÃO

Muito se tem escrito sobre o esforço de não
institucionalização do paciente psiquiá-
trico, seja através de melhoria da rede
assistencial, seja através da criação de novas terapêuticas.

Entretanto, pouco tem se proposto como
alternativa de moradia para os pacientes que não têm
indicação de permanecerem internados (e não têm
uma família com a qual possam voltar a morar), sem

* Trabalho apresentado como comunicação oral sob o tema: *Apresentando projetos de moradia: terapia ocupacional nos processos de desinstitucionalização ou não institucionalização*, no VI Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional, Águas de Lindóia, S.P., 1999.

** Terapeuta Ocupacional. Especialista em Saúde Mental do Centro de Estudos em Terapia Ocupacional, CETO. Acompanhante terapêutico da “REPÚBLICA”- Instituto A CASA, S.P.

*** Psicólogo. Acompanhante terapêutico da “REPÚBLICA”- Instituto A CASA, S.P.

**** Médico Psiquiatra e Psicanalista. Diretor da “REPÚBLICA” e do Instituto A CASA, S.P.

***** Psicóloga. Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC. Acompanhante terapêutico da “REPÚBLICA”- Instituto A CASA, S.P.

***** Psicóloga e Psicanalista. Coordenadora e Acompanhante terapêutico da “REPÚBLICA” – Instituto A CASA, S.P.

***** Psicóloga. Mestranda em Psicologia na Universidade de São Paulo. Acompanhante terapêutico da “REPÚBLICA” – Instituto A CASA, S.P.

***** Psicólogo. Acompanhante terapêutico da “REPÚBLICA”- Instituto A CASA, S.P.

Endereço para correspondência: Mônica Grant Rolim. Rua Conselheiro Saraiva, 953. 02037-021 - Santana, São Paulo, S.P.
e-mail: atto@uol.com.br

levá-los a uma reinstitucionalização, como acontece nas pensões – abrigadas. Tampouco se encontra facilmente uma forma de enfrentar a questão de moradia para pacientes que, com a evolução de seus processos terapêuticos, teriam indicação clínica de sair da casa dos pais e morarem sozinhos, mas ainda não construíram a autonomia necessária para isso. Foi no enfrentamento destas questões que surgiu, no departamento de acompanhamento terapêutico do Instituto A CASA, a idéia de *adaptar à essa necessidade*, um recurso comum à vida de jovens em preparação para a vida independente: a *REPÚBLICA de estudantes*.

OBJETIVOS

É um recurso temporário de moradia assistida para pacientes psiquiátricos em processo de reabilitação social.

A REPÚBLICA é uma casa compartilhada por pessoas que vivenciam o mesmo desafio, e assistida por profissionais especializados, acompanhantes terapêuticos, que coordenam a organização de um cotidiano e as tarefas nele envolvidas, bem como articulam as conexões dos moradores com as outras instâncias da complexa rede envolvida no processo, como psiquiatras, terapeutas, hospitais-dia, escola, lazer, etc... (BREYTON et al.)¹.

A participação das famílias dos moradores no projeto é muito importante. Desde as entrevistas de admissão para a entrada na REPÚBLICA, as famílias são orientadas para que assumam um papel ativo de apoio à vinda do morador para esta nova casa, sem que esse envolvimento se torne intrusivo ou superprotetor. O intuito é, que com o tempo, a família possa enxergar o morador como tendo condições mínimas de independência, deixando portanto de ser alvo de tantos cuidados e preocupações. Percebendo que o morador vai estendendo e administrando sua rede social de vínculos, a família vai podendo considerá-lo como alguém senhor de um “território” e possuidor de fronteiras que merecem respeito. Isso contribui sobremaneira no processo de individuação de cada paciente.

A “REPÚBLICA” incide primordialmente na construção do cotidiano de cada morador. Apresentar a experiência da “REPÚBLICA” é convidar para que se entenda a força terapêutica da instauração do cotidiano de um “cotidiano vital”, com suas rotinas e

normas particulares e as discussões do grupo de moradores e acompanhantes terapêuticos sobre o lugar e função de cada um nesse coletivo.

UM FATO COTIDIANO

Segunda-feira, dia de supermercado. Ao chegar na República, presencio alguns moradores conversando sobre quem iria fazer as compras. Roberto disse que já havia ido na quinzena passada. Verônica se dispõe a ir mas se dirige a mim reclamando do quanto Juliana se ausenta das atividades da casa.

Juliana cruza os braços e não faz nada porque sabe que a gente acaba fazendo por ela.

Em seguida, todos me olham e começam a falar ao mesmo tempo, queixando-se da moradora *folgada* num desabafo coletivo. Juliana tenta defender-se, sem escutar o que diziam. Começo a rir. Eles me perguntam, num misto de curiosidade e indignação o que há de engraçado.

Estou achando bem engraçado porque vocês estão reclamando para mim, sendo que deveriam estar falando para ela. Não é ela quem mora com vocês? Vocês não aturam essa *folgada* todos os dias? Então?! Com quem vocês acham que deveriam resolver isso?

Silêncio.

Um dos moradores olha para Juliana e começa a dizer o que pensa. Outro em seguida. E o mais incrível, começam a se ouvir. Juliana reconhece seu comodismo.

Tá bom, gente. Não tenho ajudado muito. Vocês tem razão. Mas também não precisa pressionar tanto, né?! Gargalhadas. O ambiente se descontraí e as brincadeiras surgem.

Juliana decide ir, finalmente ao supermercado.

Essa cena retrata uma atividade corriqueira referente à organização da casa as compras no supermercado. A discussão entre os moradores é passível de ocorrer numa “república” qualquer (MIGUEL, 1999, p.41)².

A ida ao supermercado é sempre precedida por outras tarefas realizadas pelos moradores: escolher e listar o cardápio quinzenal, verificar se está faltando algo na lista de compras, chegar a um acordo coletivo sobre os supérfluos da semana... O supermercado, é uma entre outras atividades que recoloca o morador no circuito social, fornecendo e exigindo informações importantes: o preço, os cuidados com a alimentação, as verbas disponíveis na caixinha da “REPÚBLICA”, as economias e excedentes, a qualidade dos produtos e o enfrentamento da relação com o coletivo.

Esta cena parece espelhar a possibilidade de um pequeno avanço em direção à autonomia dos moradores, um caminho a ser construído vagarosamente.

As intervenções que podem lançar mão do bom humor costumam ser as mais eficazes, essa tinha como objetivo que o grupo pudesse enfrentar sua pequena problemática cotidiana e solucioná-la, sem alienar-se na figura de alguém (acompanhante terapêutico) que fizesse por eles aquilo que eles deveriam fazer por si mesmos.

ORGANIZAÇÃO GERAL

A “REPÚBLICA” está referida em sua origem e em sua administração financeira ao Instituto “A CASA”.

O organograma conta com um diretor, uma coordenadora, sete acompanhantes terapêuticos e duas domésticas.

Ao diretor cabem as entrevistas de admissão com candidatos a morador e seus familiares; bem como a avaliação psiquiátrica do referido candidato, em conjunto com o médico responsável e intervenções junto às famílias dos moradores quando necessário. A coordenação das assembleias semanais com os moradores e acompanhantes terapêuticos, das reuniões mensais do conselho curador com moradores, familiares e acompanhantes terapêuticos e das reuniões clínicas com os acompanhantes terapêuticos. Coordenação essa, que visa a leitura e sustentação das crises inerentes a esse processo, para que elas possam ser usadas sempre de forma criativa e não institucionalizante.

A coordenadora tem por função organizar e encaminhar todas as questões relacionadas à administração, aos moradores e ao recebimento de novos moradores, famílias, equipe e à parte prática do cotidiano; questões essas que serão administradas pela equipe. Além dos encargos burocráticos da escala de plantões e de férias bem como os respectivos pagamentos.

Aos acompanhantes terapêuticos, cabe o acompanhamento do grupo de moradores de domingo à quinta-feira das 18:00h às 9:00h e às sextas-feiras e sábados das 18:00h às 18:00h; especialmente nas tarefas que envolvem o cotidiano da casa (fazerem juntos supermercado, feira, consertar coisas quando necessário), e em situações de diversão e lazer, como

organizar uma festa, jogar cartas, ir a um cinema ou a um “show”, sempre de acordo com as possibilidades do grupo no momento; sustentando o cotidiano junto ao grupo, promovendo uma apropriação desse. Ministrar medicação regular aos moradores quando isso for indicado pelo psiquiatra responsável. Participar das reuniões semanais com a equipe e com os moradores e das mensais com os familiares. Colaborar na construção de um corpo teórico para essa prática, bem como tomar parte de congressos, discussões clínicas além de participar de aulas, entre outras.

Avaliar se algum morador está apresentando sinais de uma possível crise psicótica e avaliar, através do contato, a necessidade de uma intervenção da coordenação, da direção, da família ou do psiquiatra, nesta ordem.

As domésticas trabalham de segunda à sexta-feira das 07:30h às 16:00h, tendo como função o preparo do café da manhã e do jantar, bem como deixar preparado o almoço do sábado; a arrumação e limpeza das áreas comuns e dos quartos; além de serem presença constante de apoio à organização geral, e referência afetiva (CARROZZO)³.

DISPOSITIVOS PARA SUSTENTAÇÃO

A fim de garantir o bom funcionamento da “REPÚBLICA”, ao longo do tempo foram se agregando aos dispositivos originais (assembleia e reunião de equipe) outros, como o conselho curador e a supervisão.

A Assembleia, é uma reunião semanal entre moradores, acompanhantes, coordenação e direção, que tem como função ser o *encontro* entre todos aqueles que compõe esta moradia; é também a instância competente para a discussão dos problemas e crises da vida na “República”, reformular e/ou criar regras de convivência, organizar as festas, passeios e outras atividades extra-cotidiano.

A Reunião de Equipe é o encontro semanal entre todos os acompanhantes, a coordenação e a direção; onde ocorrem as discussões clínicas a respeito do andamento da semana e das dificuldades dos moradores. É também o espaço de criação de novas propostas de intervenção e de sustentação das crises ininterruptas do cotidiano, para que possam ser usadas de forma criativa.

O Conselho Curador, nasceu da necessidade de uma maior participação das famílias na sustentação formal

da “República”. É composto pelos familiares dos moradores, moradores, equipe de acompanhantes terapêuticos, coordenação e direção; tendo como função ser a instância competente para discussões e resoluções financeiras e administrativas, bem como das mudanças de estatuto e dos rumos e ampliações da “República”. É aqui que se faz presente o esforço participativo das famílias.

A Supervisão surgiu da necessidade da equipe de refletir sobre o projeto; compreender e questionar sua própria prática bem como a dinâmica institucional, além dos dispositivos que se constituem como intervenção. Este é o espaço de acompanhamento da equipe na construção da “República” e do embasamento teórico ao qual esta prática está referida.

A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS

A família tem um papel fundamental no tratamento de pacientes portadores de transtornos psíquicos graves. Assim, o projeto da “República” convida as famílias a se implicarem neste processo, criando espaços relacionais que por si são terapêuticos.

É certo que o transtorno psíquico do paciente muitas vezes leva à deterioração das relações com seus familiares. O distanciamento do paciente do núcleo família, através da “República” pode levar a um reordenamento mais favorável de tais vínculos. Entretanto, tal reordenamento pressupõe a criação de canais adequados para a participação dos familiares no funcionamento da “República” a fim de que se

construam as condições para que os conflitos familiares, que antes só tinham manifestação através do transtorno psíquico do membro portador, possam ser efetivamente tratados.

O Conselho Curador é a instância suprema da “República” e é um colegiado deliberativo do qual participam familiares, moradores, acompanhantes terapêuticos, diretoria e coordenação. Reúne-se uma vez por mês na “República”, mas mantém-se como uma referência constante mesmo no dia-a-dia. Apesar de o sustento financeiro estar à cargo das famílias, todo o uso destes recursos é decidido em conjunto nas reuniões do Conselho.

A implicação das famílias dos moradores da “República” insere-se no âmbito do objetivo maior deste projeto, que é a construção de condições para que ocorra um aumento da autonomia de cada um dos moradores da “República”.

FINALIZANDO

O projeto “República” já existe há seis anos. Está instalado em uma casa no bairro do Pacaembu, em São Paulo – Capital, já tendo acolhido vinte e cinco moradores ao longo desses anos. A idéia de moradia pode ser utilizada de diferentes formas: alguns moradores, por indicação clínica, passam apenas uma semana ou um ano na “República”, enquanto outros estão lá desde a sua fundação. Alguns são jovens enfrentando sua primeira crise psicótica, outros são pacientes com história de muitas internações.

Agradecimentos: A todos, que durante os anos de trabalho construíram conosco a “REPÚBLICA” e especialmente aos moradores.

ROLIM, M.G., BARBOSA, S.J., BLUM, R., CARROZZO, N.L.M., MIGUEL, M.P.C., PANDJIARJIAN, C., PETRI, R., VERDINI, F. Republic – assisted house project for people in social rehabilitation process. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.11, n.1, p.23-7, jan./abr., 2000.

ABSTRACT: This paper intends to transform the six year experience “REPUBLIC’S” daily life in contribution for the reflection in mental health. More specifically the one concern non-institutionalization, desinstitutionalization and social rehabilitation.

KEY WORDS: Occupational therapy, trends. Rehabilitation, trends. Residential facilities. Mental health services.

ROLIM, M.G., BARBOSA, S.J., BLUM, R., CARROZZO, N.L.M., MIGUEL, M.P.C., PANDJIARJIAN, C., PETRI, R., VERDINI, F. República – projeto de moradia assistida para pessoas em processos de reabilitação social. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.11, n.1, p.23-7, jan./abr., 2000.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BREYTON, D.M., DIAS, C., GOLDMAN L. A República. In: *Equipe de acompanhantes terapêuticos de A Casa. Crise e cidade: acompanhamento terapêutico*. São Paulo : EDUC, 1997. p.143-51.
2. MIGUEL, M.P.C. *Intervenções no acompanhamento terapêutico*. São Paulo, 1999. 150p. Dissertação (mestrado) - Departamento de Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
3. CARROZZO, N.L.M. *Relatório de trabalho*. São Paulo, 1993 – (mimeo).

Recebido para publicação: 21/10/1999

Aceito para publicação: 10/01/2000